

Introdução

As casas em redor esboroavam-se num ápice ao seu contacto, como se esse mero toque as fizesse dissolver, e irradiavam chamas; as árvores incendiavam-se com um rugido. [...] O leitor entenderá, portanto, a tremenda vaga de medo que se alastrou pela mais eminente cidade do mundo assim que despontou a manhã de segunda-feira — o fluxo de pessoas em fuga que rapidamente se foi transformando numa verdadeira torrente, saracoteando-se num tumulto fervente em redor das estações de caminhos de ferro [...] Será que lhes passava pela cabeça que conseguiriam exterminar-nos?

H. G. Wells, *A Guerra dos Mundos*

O SÉCULO LETAL

Publicado nas vésperas do século xx, *A Guerra dos Mundos* de H. G. Wells é muito mais do que uma obra seminal de ficção científica. É também uma espécie de conto imbuído de alegorias darwinistas e, ao mesmo tempo, uma obra de singular antevisão. No século que se seguiu à publicação deste livro, cenas como as que Wells imaginou tornar-se-iam realidade em cidades espalhadas um pouco por todo o mundo — não apenas em Londres, onde Wells situa a sua história, mas em Brest-Litovsk, Belgrado e Berlim; em Esmirna, Xangai e Seul.

Os invasores aproximam-se dos arredores de uma cidade. Os habitantes demoram a aperceber-se da sua vulnerabilidade. Contudo, os invasores possuem armas letais: carros blindados, lança-chamas, gás tóxico e aviões. Estas armas são utilizadas indiscriminada e impiedosamente quer contra soldados, quer contra civis. As defesas da cidade são arrasadas.

Reina o pânico quando os invasores se aproximam. As pessoas fogem das suas casas numa enorme confusão; as estradas e as estações ferroviárias entopem-se com as enchentes de refugiados. A tarefa de os massacrar é facilitada. As pessoas são abatidas como animais. Finalmente, tudo o que resta são ruínas fumegantes e pilhas de cadáveres ressequidos.

Wells imaginou toda esta destruição e mortandade enquanto pedalava pelas pacíficas cidades de Woking e Chertsey na sua recém-adquirida bicicleta. Como é evidente (e aí é que reside o golpe de génio), Wells concebeu os marcianos como os perpetradores. Subsequentemente, porém, quando tais cenas se tornaram realidade, os responsáveis não eram marcianos, mas outros seres humanos — mesmo que estes muitas vezes justificassem os massacres rotulando as suas vítimas de “estranhos” ou “sub-humanos”. Não foi a uma guerra entre mundos que assistiu o século xx, mas a uma guerra do mundo.

Os cem anos que se seguiram a 1900 constituíram, sem dúvida alguma, o século mais sangrento da história moderna, bem mais violento, tanto em termos relativos como absolutos, do que qualquer das eras precedentes. Nas duas guerras mundiais que dominaram o século foram mortas percentagens da população mundial significativamente superiores às de quaisquer outros conflitos anteriores de comparável magnitude geopolítica (ver Figura 1.1). Embora as guerras entre as “grandes potências” fossem mais frequentes nos séculos anteriores, as guerras mundiais alcançaram graus incomparáveis de gravidade (mortes em batalha por ano) e de concentração (mortes em batalha por nação-ano). Seja em que medida for, a Segunda Guerra Mundial foi a maior catástrofe de todos os tempos provocada pelo Homem. Todavia, apesar de toda a atenção que mereceram da parte dos historiadores, as guerras mundiais foram apenas dois dos muitos conflitos do século xx. As taxas de mortalidade terão provavelmente ultrapassado a marca do milhão em mais de uma dezena de outras conflagrações¹. As perseguições genocidas ou “politicidas” perpetradas contra as populações civis pelo regime dos Jovens Turcos, durante

1 A Guerra Revolucionária Mexicana (1910-20), a Guerra Civil Russa (1917-21), a Guerra Civil Chinesa (1926-37), a Guerra da Coreia (1950-53), as guerras civis intermitentes no Ruanda e no Burundi (1963-95), as guerras pós-coloniais na Indochina (1960-75), a Guerra Civil da Etiópia (1962-92), a Guerra Civil Nigeriana (1966-70), a Guerra da Independência do Bangladesh (1971), a Guerra Civil Moçambicana (1975-93), a Guerra do Afeganistão (1979-2001), a Guerra Irão-Iraque (1980-88) e as decorrentes guerras civis no Sudão (desde 1983) e no Congo (desde 1998). Até 1900, apenas as rebeliões na China oitocentista, particularmente a Rebelião Taiping, causaram níveis comparáveis de violência letal: ver Anexo.

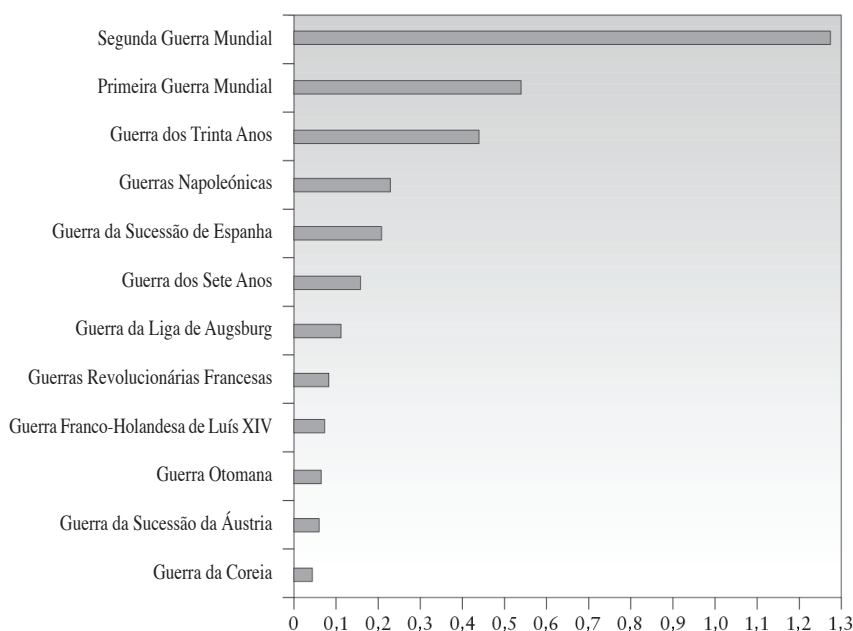


Figura 1.1 Mortes no campo de batalha como percentagens da população mundial.

a Primeira Guerra Mundial, pelo regime soviético, dos anos 20 aos anos 50, pelo regime nacional-socialista na Alemanha, entre 1933 e 1945, para não mencionar a tirania de Pol Pot, no Camboja, produziram um número de baixas comparável. Antes, entre ou após as guerras mundiais não se registou um só ano em que não se assistisse a algum tipo de violência organizada em grande escala, numa ou noutra parte do mundo.

Porquê? O que tornou o século xx, e muito particularmente os cinquenta anos entre 1904 e 1953, tão sangrento? O facto de este período ter sido excepcionalmente violento pode parecer paradoxal. Afinal de contas, os cem anos que se seguiram a 1900 foram tempos de um progresso sem precedentes. Em termos reais, calcula-se que a média *per capita* do Produto Interno Bruto — uma medida aproximada da média do rendimento individual, permitindo flutuações no valor da moeda — aumentou pouco mais de 50 %, entre 1500 e 1870. Entre 1870 e 1998, porém, o mesmo índice registou um factor de crescimento de mais de 6,5 %. Por outras palavras, a taxa de crescimento anual composta era quase treze vezes mais alta entre 1870 e 1998 do que entre 1500 e 1870. No final do século xx, graças a uma miríade de progressos tecnológicos e avanços na área do conhecimento, os seres humanos viviam, em mé-

dia, vidas mais longas e com mais qualidade do que em qualquer outra altura na história. Numa parte substancial do mundo, as pessoas conseguiam agora evitar a morte prematura graças a uma melhor nutrição e à subjugação de várias doenças infecciosas. Em 1990, a esperança de vida no Reino Unido era de 76 anos, enquanto a que se registava em 1900 era de 48 anos. A mortalidade infantil era vinte e cinco vezes menor do que outrora. As pessoas não só viviam mais, como se tornavam mais altas e robustas. A velhice era menos infeliz, uma vez que, nos anos 90, a taxa de doenças crónicas entre os sexagenários americanos do sexo masculino era praticamente um terço do que fora no início do século. Cada vez mais pessoas podiam fugir ao que Karl Marx e Friedrich Engels haviam chamado de “estreiteza da vida no campo”, de modo que, entre 1900 e 1980, a percentagem da população mundial a viver nas grandes cidades mais do que duplicou. Ao trabalharem com mais eficiência, as pessoas tinham mais do que triplicado a quantidade de tempo disponível para o lazer. Quem passava os seus tempos livres a fazer campanha para representação política e pela redistribuição da riqueza conseguia alcançar um êxito considerável. Em 1900, dificilmente um quinto dos países do mundo era considerado democrático; nos anos 90, essa proporção subiu acima da metade. Os governos deixaram de garantir apenas os bens públicos fundamentais da defesa e da justiça; desenvolveram-se novos estados-providência apostados em eliminar “a necessidade [...] a doença, a ignorância, a esqualidez e a ociosidade”, tal como o expõe o Relatório Beveridge, de 1944.

Para explicar, no contexto de todos estes progressos, a extraordinária violência do século xx, não basta dizer simplesmente que existiam mais pessoas a viver mais perto umas das outras, ou que as armas eram mais destrutivas. Sem dúvida que era mais fácil perpetrar o homicídio em massa largando altos explosivos em cidades apinhadas do que fora antes eliminar à espadeirada populações rurais dispersas. Contudo, se essas explicações bastassem, o fim do século teria sido mais violento do que o início ou os meados. Nos anos 90, a população mundial excedeu, pela primeira vez, os seis mil milhões de habitantes, mais do que o triplo da população existente antes de eclodir a Primeira Guerra Mundial. Todavia, na última década do século, verificou-se um declínio acentuado do número de conflitos armados. As taxas mais altas de mobilização e mortalidade militar registadas, no que respeita à população total, ocorreram claramente na primeira metade do século, durante e logo após as guerras mundiais. Além disso, o armamento é claramente mais destrutivo hoje

em dia do que em 1900. Contudo, alguns dos actos mais violentos do século foram perpetrados com as armas mais grosseiras: espingardas, machados, facas e machetes (evidentemente, não só na África Central, nos anos 90, mas também no Camboja, nos anos 70). Elias Canetti tentou, em tempos, imaginar um mundo onde “Todas as armas [eram] abolidas e onde na guerra seguinte só [era] permitido morder”. Podemos nós assegurar-nos de que num mundo tão radicalmente desarmado não ocorreriam genocídios? Para percebermos por que razão os últimos cem anos foram tão destrutivos da vida humana precisamos, portanto, de procurar os motivos que se escondem por detrás dos homicídios.

Quando andava na escola, os manuais de História ofereciam uma variedade de explicações para a violência do século xx. Por vezes, relacionavam-na com crises económicas, como se as crises e as recessões pudessem explicar o conflito político. Uma das artimanhas preferidas era relacionar o aumento do desemprego na Alemanha de Weimar com o aumento do número de votos nos nazis e a “tomada” de poder de Adolf Hitler, que, por sua vez, deveria justificar a Segunda Guerra Mundial. Todavia, comecei a questionar-me se um crescimento económico mais célere não poderia, por vezes, ter sido tão destabilizador como uma crise económica. Depois, deparei-me com a teoria de que o século xx primava pelos conflitos de classe — sendo as revoluções uma das principais causas da violência. Mas não seriam as divisões étnicas realmente mais importantes do que a suposta luta entre o proletariado e a burguesia? Segundo outro argumento, os problemas do século xx eram consequência de versões radicais de ideologias políticas, nomeadamente o comunismo (socialismo radical) e o fascismo (nacionalismo radical), bem como dos maléficos “ismos” anteriores, entre os quais o imperialismo. Então e o papel dos sistemas tradicionais como as religiões, ou de outros ideais e pressupostos aparentemente não políticos que apresentavam, não obstante, implicações violentas? E, afinal, quem é que lutava nas guerras do século xx? Nos livros que li quando era pequeno, os papéis principais eram sempre desempenhados por estados-nação: a Grã-Bretanha, a Alemanha, a França, a Rússia, os Estados Unidos e por aí fora. Mas não se dava o caso de alguns ou todos estes Estados serem, em certa medida, mais multinacionais do que nacionais — de serem, com efeito, mais impérios do que Estados? Acima de tudo, os velhos livros de História narravam os acontecimentos do século xx como uma espécie de triunfo prolongado, doloroso mas essencialmente aprazível, do Ocidente. Os heróis (as democracias ocidentais) eram confrontados com

uma série de vilões (os Alemães, os Japoneses, os Russos), mas, no fim, o bem triunfava sempre sobre o mal. As guerras mundiais e a Guerra Fria eram, portanto, dramas alegóricos encenados num palco global. Contudo, seria isso verdade? E terá o Ocidente realmente ganhado a guerra de cem anos que foi o século xx?

Permitam-me agora reformular estas ideias preliminares de estudante em termos mais rigorosos. Nas páginas que se seguem, irei debater o facto de as explicações tradicionais dos historiadores para a violência do século xx serem necessárias, mas não suficientes. As mudanças tecnológicas, e, muito particularmente, a capacidade acrescida de destruição do armamento actual foram, sem dúvida, importantes, mas como meras respostas a desejos mais profundos de matar de forma mais eficaz. Na verdade, não existe qualquer correlação ao longo do século xx entre a capacidade de destruição do armamento e a incidência da violência.

Por outro lado, as crises económicas também não podem explicar as insurreições violentas do século. Tal como se observou anteriormente, talvez a ligação causal mais familiar na moderna historiografia vá da Grande Depressão à ascensão do fascismo e à eclosão da guerra. Contudo, numa análise mais aprofundada, esta leitura cómoda da história desaba. Nem todos os países afectados pela Grande Depressão desenvolveram regimes fascistas; assim como nem todos os regimes fascistas se envolvem em guerras de agressão. A Alemanha nazi desencadeou a guerra na Europa, mas só após a sua economia ter recuperado da Depressão. A União Soviética, que começou a guerra ao lado de Hitler, apesar de afastada da crise económica mundial, acabou por mobilizar e perder mais soldados do que qualquer outra parte beligerante. Não se consegue discernir uma regra geral para o século no seu todo. Algumas guerras surgiram após períodos de crescimento; outras constituíram as causas, e não as consequências, das crises económicas. Além disso, nem todas as crises económicas profundas conduziram a guerras. Hoje em dia é certamente impossível argumentar (embora os marxistas tenham tentado) que a Primeira Guerra Mundial resultou de uma crise do capitalismo; pelo contrário, pôs abruptamente fim a um período de extraordinária integração económica global, com um crescimento económico relativamente elevado e uma inflação reduzida.

Pode, evidentemente, contrapor-se que as guerras acontecem por razões que nada têm que ver com a economia. Eric Hobsbawm chamou ao “Breve Século XX” (1914-91) “uma era de guerras religiosas, embora as

religiões mais militantes e sanguinárias fossem ideologias seculares criadas no século XIX”. No outro extremo do espectro ideológico, Paul Johnson atribui a violência do século “à ascensão do relativismo moral, ao declínio da responsabilidade pessoal [e] ao repúdio dos valores judaico-cristãos”. Contudo, a ascensão das novas ideologias e o declínio dos velhos valores não podem, por si só, constituir as causas da violência, por mais importante que seja compreender as origens teóricas do totalitarismo. Ao longo de grande parte da história moderna, diversos foram os sistemas de crenças radicais à escolha, mas apenas em determinadas alturas e em determinados lugares é que eles foram largamente adotados e geraram um determinado tipo de acção. A este respeito, o anti-semitismo é um bom exemplo. Do mesmo modo, atribuir a responsabilidade das guerras a um punhado de homens tresloucados ou maus é repetir o erro com que tanto troçou Tolstoi em *Guerra e Paz*. Os megalomaníacos podem ordenar aos homens que invadam a Rússia, mas porque é que estes lhes obedecem?

Por outro lado, atribuir prioritariamente a violência do século à emergência do estado-nação moderno também não é um argumento muito convincente. Embora os Estados organizados do século XX tenham desenvolvido capacidades sem precedentes para mobilizar as massas, estas podem ser — como o foram — tão facilmente guiadas para a paz como para a violência. Os Estados poderiam certamente exercer mais “controle social” nos anos 30 do que antes. Para isso empregavam legiões de funcionários civis, cobradores de impostos e agentes da polícia; proporcionavam educação, pensões e, nalguns casos, subsidiavam seguros de saúde e de desemprego; regulamentavam as estradas e as vias-férreas, mesmo que não as detivessem. Se o Estado quisesse recrutar todos os cidadãos adultos do sexo masculino aptos, poderia fazê-lo. Contudo, todas estas capacidades se desenvolveram mais ainda nas décadas que se seguiram a 1945, embora a frequência da guerra em grande escala tenha decrescido. Com efeito, nos anos 50, 60 e 70, os países que adoptavam o estado-providência eram geralmente os que menos tendiam a envolver-se em guerras. Tal como em tempos anteriores fora uma revolução na luta armada que viera transformar os primórdios do Estado moderno, pode bem ter sido uma guerra total a originar o estado-providência, criando as tais capacidades de planeamento, direcção e regulamentação, sem as quais o Relatório Beveridge ou a “Grande Sociedade” de Johnson teriam sido inconcebíveis. Mas não há dúvida de que não foi o estado-providência que gerou a guerra total.